

A ABORDAGEM MÍTICA EM O CONQUISTADOR DE ALMEIDA FARIA – POR QUE FALAR DE SEBASTIANISMO?

THE MYTHICAL APPROACH IN O *CONQUISTADOR* OF ALMEIDA FARIA – WHY TALK ABOUT SEBASTIANISM?

Recebido: 13/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2802

Nilza Mara Pereira¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3460-3948>

Resumo: O presente artigo pretende realizar um panorama da evolução do Mito Sebastianista em Portugal, aplicado à análise da sua abordagem na obra *O Conquistador* (1990) de Almeida Faria, na qual presenciemos uma aproximação entre o protagonista e a entidade mítica. O mito em questão representa a espera do salvador predestinado, o qual, após a batalha de Alcácer Quibir (1578), passa a ser corporificado pelo rei Dom Sebastião, desaparecido no combate. Nesse sentido, *O Conquistador* apresenta o percurso de vida da personagem Sebastião de forma que esta esteja constantemente relacionada à personagem histórica, utilizando, para isso, semelhanças e contrapontos. O intuito da narrativa de Almeida Faria não é igualar as duas personagens, valorizando o mito, mas construir pontos de ligação que sugiram a possível reencarnação de Dom Sebastião de uma maneira paródica, a ponto de dessacralizar o mito sebastianista. Ao longo da narrativa, Sebastião passa a apresentar a sua biografia, dando corpo ao paralelo entre a personagem e a figura mítica, imaginário histórico-social da nação portuguesa. Destacamos, entre os eventos narrativos analisados, o nascimento da personagem, ocorrido em circunstâncias míticas; a apresentação de coincidências relativas à família e características físicas e psicológicas de Sebastião; e, por fim, a categoria do grotesco, marcante na descrição de seus sonhos e da sua "excepcional" sexualidade. Notamos, com isso, que o paralelo realizado na obra contribui para a aproximação com o mito do rei português, mas, principalmente, para a desconstrução da imagem idealizada que lhe é, normalmente, conferida.

Palavras-Chave: Sebastianismo; Mito; Paralelo; História.

Abstract: This paper aims to provide an overview of the evolution of the Sebastianism Mith in Portugal, applied to the analysis of the romance *O Conquistador* (1990) by Almeida Faria, in which we can see an approximation between the protagonist and the mythical entity. This myth represents the wait for the predestined savior, who, after Alcácer Quibir (1578), was incorporated for king Dom Sebastião, who disappeared in the fighting. In that way, The Conqueror presents the life course of the character Sebastião who is constantly related to the historical character, using similarities and counterpoints. The purpose of Almeida Faria's narrative is not to equate the two characters, valuing the mith, but to build connection points that suggest the possible reincarnation of Dom Sebastião of a parodic way, to the point of desacralizing the Sebastianism mith. Throughout the narrative, Sebastião begins to present his biography, embodyng the parallel between the character and the mythical figure, the historical-social imaginary of the portuguese nation. We highlight, among the analyzed narrative events, the character's birth, in mythal circumstances; the presentation of coincidences related at the family, physical and psychological characteristics of Sebastião; and, finally, the category of the grotesque, marked on description of his dreams and his "exceptional" sexuality. We note, therefore, that the parallel made in the romance contributes to the approximation with the myth of the portuguese king, but, mainly, to the deconstruction of the idealized image that is normally conferred to him.

Keywords: Sebastianism; Mith; Parallel; History.

¹ Possui graduação em Letras, Habilitação Português e Literatura (2003), e mestrado em Estudos Literários (2006) pela Universidade Federal de Santa (UFSM). Atualmente, atua como Técnica Administrativa em Educação, cargo de Secretária Executiva na mesma universidade. Está matriculada na categoria de aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UFSM. E-mail: nilzase@gmail.com

Introdução:

Todas as nações têm os seus mitos, suas histórias, suas crenças. Em Portugal, um dos mitos mais recorrentes e que se tornou uma marca nacional, uma característica do imaginário do povo português, foi o Sebastianismo, a espera por um rei desejado, capaz de retomar a autonomia e a grandeza de Portugal.

O messianismo está presente já nas origens da constituição nacional, não é algo novo. Vem caminhando ao longo da história desse país, apagando-se e ressurgindo em diferenciadas eras, especialmente quando Portugal está sujeito ao domínio espanhol. E é o que ocorre após a expedição portuguesa ao norte da África, após o desaparecimento do rei D. Sebastião na famosa Batalha de Alcácer Quibir (1578), sem deixar herdeiros ou sucessores aptos para o trono. Iniciou-se, assim, em 1580, a União Ibérica, em que Portugal esteve sob controle do Rei da Espanha por cerca de 60 anos.

Nesse período, o Sebastianismo ganhou força. Acreditava-se no retorno do rei Dom Sebastião, para salvar a nação do domínio espanhol e retomar a sua glória. Muitos profetas disseminaram a história do mito do rei encoberto, principalmente João de Castro, que adaptou as Trovas de Bandarra, disseminando a ideia do messianismo, a crença de que o rei, cujo corpo não foi encontrado, deveria retornar a Portugal, vindo do mar, em uma manhã de nevoeiro.

Partindo dessa matéria histórica, a Literatura Portuguesa abordou o mito em muitos momentos e sob variadas perspectivas, desde Pe. Antônio Vieira, Fernando Pessoa, Almeida Garret, até Antônio Lobo Antunes, Almeida Faria e outros. Na Literatura do século XX, destacou-se a abordagem histórica, como uma forma de refletir sobre a condição do homem português e sobre a evolução sociopolítica enfrentada pelo país mediante o contexto da Ditadura Salazarista, da Revolução dos Cravos e da retomada da democracia.

Almeida Faria participa desse resgate da história de Portugal, apresentando em suas obras não só a representação de um passado recente, mas também a abordagem de um passado remoto, que simboliza os grandes feitos dessa nação, posteriormente, em derrocada. Em *O Conquistador* (1990), principalmente, aborda o mito sebástico, dando-lhe a devida importância, mas utilizando um discurso paródico e dessacralizador, lançando um olhar crítico sobre o mito e sobre a sua herança para o imaginário do povo português.

Nesse artigo, analisamos esta obra de Almeida Faria para verificar como ocorre a retomada do mito e quais os efeitos dessa abordagem. Em um primeiro momento, trazemos um panorama acerca da formação do mito em Portugal, a fim de estabelecer as origens e intuitos da sua disseminação. Posteriormente, passamos à análise da obra sob a perspectiva dessa matéria histórica, identificando os momentos em que a relação entre a personagem do romance e a entidade mítica são mais marcantes, assim como a contribuição dessa construção para a compreensão do sentido do texto.

A Formação e a Progressão do Mito Sebastianista

A crença no sebastianismo é um traço muito forte da nação portuguesa, tanto que ela pode ser reconhecida em qualquer um dos momentos de crise da nacionalidade. Inicialmente, caracteriza-se como um sentimento messiânico contemporâneo à formação da nação portuguesa, que, em sua religiosidade, acredita-se predestinada. Sua confirmação dá-se no momento em que Portugal perde sua autonomia em favor da Espanha em 1580; é recorrente no momento da Restauração; e, em sua última manifestação, revive quando da Invasão Francesa. Só depois disso é que se pode falar de sua decadência, mas não por inteiro, pois a ideia messiânica permanece na memória e no caráter nacional.

De acordo com Azevedo (1947), a persistência do messianismo em Portugal é um fenômeno sem comparação. O autor o relaciona à saudade, quando define ambos os sentimentos como “feição inseparável da alma portuguesa”. Essa comparação provém do caráter de esperança conferido ao mito, uma vez que Portugal espera pela retomada do passado próspero da época das grandes navegações.

O Sebastianismo representa a espera do salvador predestinado, que virá para realizar feitos grandiosos e transformar Portugal no Quinto Império. Esse redentor, após a batalha de Alcácer-Quibir passa a ser corporificado pela figura do rei desaparecido. Entretanto, essa crença no messianismo já está presente no país desde 1530, através da difusão das profecias ditadas por Gonçalves Annes Bandarra em suas *Trovas*, obra que, adaptada ao Sebastianismo, vai se tornar o verdadeiro “evangelho” da crença.

Bandarra teria escrito suas profecias inspirado na Bíblia, a troco disso, teve rapidamente a adesão dos cristãos-novos, que criam na chegada de um messias. Além dessa fonte, juntam-se ao engenho do sapateiro de Trancoso resquícios de

vaticínios messiânicos vindos da Espanha e também de algumas lendas do ciclo arturiano. Assim nasce o Sebastianismo. Segundo Azevedo:

Nas *Trovas* pela primeira vez se materializa o estado de alma, tão peculiar, que por tanto tempo distingue a raça portuguesa; e ao autor delas coube o dar-lhe expressão, com o que, por apagados que sejam seus méritos, tal foi a sua acção que de nenhum modo o podemos excluir da história da literatura nacional (AZEVEDO, 1947, p.9).

Já D. Sebastião nasce em 1554. Antes disso, já havia recebido a alcunha de O Rei Desejado, pois seu pai, sucessor de D. João III, morrera ainda antes do seu nascimento; portanto, se o pequeno não resistisse à gestação e à infância, Portugal ficaria sem herdeiro para o trono, seria o fim da dinastia de Avis. D. Sebastião assume o trono bastante jovem e, por uma fatalidade, desaparece, aos 24 anos, em batalha contra os mouros no norte da África. Isso ocorre em 1578. E o que aconteceria com as esperanças do povo português depositadas no jovem rei? É nesse momento que o Sebastianismo ganha maior prestígio. O reino, estando prestes a cair sob a dominação espanhola, necessitava de um alento: o retorno de D. Sebastião. Foi D. João de Castro, considerado o profeta do sebastianismo, quem interpretou as *Trovas* de Bandarra e passou a incutir nas mentes portuguesas a esperança na ressurreição ou reaparecimento do rei Encoberto, que deveria destruir o turco, retomar a Terra Santa e dominar o judaísmo para alcançar o Império Universal.

Apesar das esperanças no retorno do rei, a crise domina por anos durante o governo de Filipe II. Essa crise, ao invés de arrefecer os ânimos, torna cada vez mais forte a crença no Salvador. A dominação espanhola sempre fora uma ameaça para o povo português e a perda da autonomia política simbolizava mais uma derrota para a nação, desolada pelos inimigos marroquinos e espanhóis. A grandeza e a superioridade de Portugal foram sufocadas pelo poder estrangeiro, e a realidade revela um país em derrocada. Segundo Hermann (1998, p. 176), “Agora os inimigos estavam dentro de casa, eram os donos do poder de um país destruído política, financeira e moralmente”. Os portugueses, que foram inesperadamente despojados de sua soberania, de sua independência e de seu próprio rei, encontraram, assim, no Sebastianismo, uma maneira de adaptação às mudanças, mantendo a esperança em um futuro redentor.

D. João de Castro adapta as *Trovas* de Bandarra à situação estabelecida pelo desaparecimento de D. Sebastião. Assim, ao texto são adicionadas passagens ou modificações ao prazer ou necessidade do novo profeta, a fim de justificar a tomada do rei como o messias esperado desde 1530. Não se pode, entretanto, acusar João de Castro de agir com má fé em relação ao caso. O profeta, a partir do estudo das profecias, passa fielmente a acreditar no retorno do rei e passa então a disseminar a ideia entre os já adeptos do messianismo. O Encoberto estaria vivo por uma razão: era dele a missão de ser Imperador do Mundo. E dele não se tinham notícias porque, no momento, andava a peregrinar por lugares distantes de sua pátria, conhecendo seu futuro império.

Com a Restauração, ocorrida em 1640, o sentimento nacional que havia aclamado D. Sebastião como rei Encoberto volta-se para D. João IV. Contribuem para isso os jesuítas e alguns religiosos, destacando-se a figura do padre Antônio Vieira, que virá a reinterpretar as *Trovas* de Bandarra de acordo com o novo contexto português. Vieira ocupou papel importante junto ao rei, combatendo os sebastianistas em seus Sermões, com a justificativa de que houvera uma interpretação errada das *Trovas*, e que o Encoberto era na verdade o rei Dom João IV. “Vieira afirmava que os sebastianistas não souberam compreender sua mensagem, pois o Encoberto esperado de suas crenças deveria ser não d. Sebastião morto, mas d. João vivo” (HERMANN, 1988, p. 234).

Como D. João IV não confirma as aspirações profetizadas por Bandarra, vindo a morrer em 1656, Vieira passa a pregar o seu ressurgimento. D. João haveria de ressuscitar para dar cabo de seus desígnios. O jesuíta justifica suas afirmações com as *Trovas*, mas já há, então, messianistas que abandonam essa crença, tendo-a como um engano, e passam a crer novamente na chegada de D. Sebastião, o verdadeiro rei Encoberto.

Seguindo esse rumo, ou seja, da renovação da esperança messiânica a cada decepção provocada pela estabilização ilusória da crença; o Sebastianismo perde as forças e inicia-se a sua derrocada. Transforma-se, então, em uma presença passiva de esperança que convive com o estado nacional de apagamento da luz portuguesa. Nas palavras de Azevedo (1947, p.90), o Sebastianismo “transmuda-se numa espécie de mania mansa, fatalismo tranquilo, que aguardava em sossego a redenção prometida”. Vemos que não se fala em extinção da crença sebastica, mas de sua transformação, posto que esse traço,

depois de uma permanência tão longa, não pode mais ser separado do caráter nacional português. É uma das imaginações nacionais que contribuem para a construção da nação. O tempo messiânico, responsável pela crença no retorno do rei, pelo que Anderson (1989) denomina de “poder da divina providência”, próprio ainda da Idade Média, passa agora a sua dissolução no pensamento português e, através do esclarecimento na visão do mundo desse povo, o messianismo passa a dar lugar a uma realidade conduzida pela lógica, pela concepção da história como “causa e efeito”. Porém, a sua ideia já não pode mais ser extinta ao caracterizar-se Portugal, nação construída e desenvolvida em uma base mítica, desde a famosa batalha de Ouriques.

Novamente, em 1808, quando da Invasão Francesa em Portugal, o Sebastianismo institui alguns suspiros, despertando no ânimo nacional a fé em um tempo melhor que estava por vir. Entretanto, a “energia desse sentimento esgotara-se” e já não existiam mais sebastianistas fervorosos que tentassem pela ação estabelecer suas aspirações. A crença estava agora somente na esperança e seus adeptos passivos, quase que incrédulos, somente esperavam.

Ainda, em 1813, surge nas ruas de Portugal um homem vestido de mouro que anuncia a chegada de D. Sebastião. Alinhado de O Último Sebastianista, o crente simplesmente é levado pela polícia sem atrair maior atenção dos portugueses, filhos do Sebastianismo, em que já não tinham esperanças.

Da aceitação do Duque de Bragança como substituto de D. Sebastião, surge em Portugal uma literatura que pretende aclamar os feitos e acontecidos da nação lusitana. De acordo com Azevedo, essa literatura corresponde ao estado da mentalidade nacional. “É a megalomania dos tempos sebásticos que ressuscita”. Semelhante a essa vertente na temática e também correspondendo a um estado de alma português, que ressuscita o mito de D. Sebastião, no final do século XX, muitas são as leituras do sebastianismo na ficção portuguesa. Citamos **O Mosteiro** (1980) de Agustina Bessa-Luís; **O Viúvo** (1986) de Fernando Dacosta; **As Naus** (1988) de Lobo Antunes; **Jornada de África** (1989) de Manuel Alegre; **Vida de Sebastião Rei de Portugal** (1993) de Antônio Cândido Franco e **O Conquistador** (1990) de Almeida Faria.

Considerando a proposta deste artigo, falaremos especificamente sobre a abordagem de Almeida Faria, um dos tantos escritores portugueses que produz a sua arte no contexto da Ditadura Salazarista. São escritores que abordam o

passado cultural português, na verdade, o passado histórico e mítico da nação, e o passado próximo, para a compreensão do presente.

Almeida Faria destaca-se pelo seu caráter fragmentário, inovador e crítico. Em suas obras, lança mão de estratégias discursivas como a ironia, a paródia, o grotesco, o surreal, reescrevendo a história para refletir sobre o momento cultural-social-político português, representando o indivíduo frente à dualidade experimentada pelo fim do regime ditatorial, que não traz as transformações desejadas. A. Faria mostra os verdadeiros caminhos da Revolução, a que afeta a pátria (crises coletivas) e a que afeta os patriotas (crise individual).

Em *O Conquistador* (1990), o narrador-personagem, um jovem que tenta se definir como indivíduo social no período que antecede e compreende a Revolução dos Cravos, conta a história de sua vida. Conforme o enredo, em 20 de janeiro de 1954, nasce Sebastião Correia de Castro. Desde seu misterioso aparecimento, a personagem passa a apresentar traços que a relacionam ao mito, aproximando-a da figura histórica do rei D. Sebastião. Esse fato faz com que algumas das personagens criem esperanças de redenção a seu respeito. No entanto, a personalidade irreverente do protagonista faz com que ele se torne o oposto do que se espera dele, incorporando um anti-herói ou, de acordo com Simões (1998), um D. Sebastião “às avessas”, que ignora e foge de qualquer responsabilidade patriótica, social ou religiosa. Entretanto, o choque entre o comportamento apresentado por Sebastião e as expectativas de predestinação que o acompanham acabam suscitando dúvidas acerca de sua identidade e missão.

Assim, o narrador-personagem, perturbado pela indefinição relacionada a sua identidade, opta pelo isolamento e pela reflexão acerca de sua existência. Sebastião, aos 24 anos, afasta-se de seu contexto social, isolando-se em um eremitério próximo ao local onde nasceu e inicia a escritura dos fatos que tiveram importância em sua vida: seu nascimento, seus relacionamentos amorosos, seus sonhos etc. Seu intuito é repensar sua trajetória a fim de se reencontrar como indivíduo português e do mundo.

O Tratamento dado ao Mito dentro da Obra *O Conquistador*

Em *O Conquistador* (1990), o caráter sobrenatural do nascimento da personagem é a primeira relação realizada na obra entre as duas figuras:

Sebastião e D. Sebastião. Do mito de retorno de D. Sebastião criou-se a crença de que o rei voltaria para Portugal em circunstâncias míticas: vindo do mar, em uma manhã de nevoeiro. Assim, o aparecimento da personagem Sebastião corresponderia à história criada para o retorno da personagem mítica, ainda mais por se ter realizado exatamente na data de nascimento do monarca.

Segundo o que lhe contaram, ele não teria nascido como as outras pessoas. Teria surgido na praia, após uma terrível tempestade. Naquela manhã de nevoeiro, em que grande parte da praia da Adraga havia sido destruída pelo fenômeno, seu pai saía para apanhar polvos nas rochas, encontrando a criança dentro de um ovo à beira do mar. Depois de disputar a criança com uma cobra marinha que a guardava, João de Castro levou-a para sua casa.

A personagem afirma acreditar nessa versão de seu nascimento por dois motivos. Primeiro, porque quem lhe contara sobre a catástrofe fora sua avó e, máxima citada por Sebastião, “as avós nunca mentem” (FARIA, 1990, p. 11). Além disso, ninguém ousava contradizê-la: nem o seu pai nem sua mãe desmentiam a incrível versão.

Quanto à caracterização do ambiente em que ocorre o “nascimento”, destacamos o exagero dos detalhes e a personificação dos fenômenos da natureza. Podemos dizer que estamos diante de um fenômeno natural nunca antes registrado: uma tempestade que se assemelha ao fim do mundo. Sobre a catástrofe, diria sua mãe que “... três vezes a terra tremera” (FARIA, 1990, p. 13) e seu pai: “... naqueles momentos a serra era um ventre de grávida percorrido pelos abalos que antecedem ao parto” (FARIA, 1990, p. 13). Essas observações fazem parecer que o ambiente estava se preparando para o parto de Sebastião, apontando para duas possibilidades: a personagem teria vindo do mar, pois era guardada por uma serpente marinha; ou teria sido parida pela Serra de Sintra, vindo, portanto, da terra. Essas imagens trazem a ideia de Gênese mítica, reforçada pelo aparecimento de Sebastião na praia, envolvido por um ovo.

Contrasta com o nascimento, o aspecto apocalíptico do ocorrido, sugerido pela tempestade. Assim, configura-se um paradoxo. Ao mesmo tempo em que, frente ao nascimento do protagonista, acompanhamos uma gênese sobrenatural, a caracterização desse nascimento lembra uma imagem de destruição total, e a descrição das testemunhas confirma o “aspecto apocalíptico da praia” (p. 15).

Destacamos abaixo duas passagens que descrevem o ambiente em que ocorre o aparecimento da personagem, e que estão mais fortemente ligadas à relação entre o mito e Sebastião:

O horizonte desapareceu completamente, uma escuridão de estanho esfumado avançara dos lados do Norte da África à velocidade de um tornado, atroando tudo com o barulho de todos os bombos e tambores do universo (FARIA, 1993, p. 13).

Vindas do mar, lufadas de névoa avançavam em direção à Serra, como um exército desordenado recuando em debandada (FARIA, 1993, p. 15).

No primeiro fragmento, tem-se uma alusão à escuridão que provinha do norte da África, ou seja, do local onde D. Sebastião enfrentou os mouros na batalha derradeira, Alcácer Quibir. A seguir, tem-se o elemento névoa, remetendo ao ambiente no qual se espera a chegada do rei. A imagem “exército desordenado recuando em debandada” lembra uma cena bélica, simbolizando a derrota das tropas portuguesas e a sua necessidade de recuar perante os mouros.

Outra relação estabelecida refere-se às semelhanças entre as duas personagens. Entre elas, destacamos o nome dos pais e avós de Sebastião, comuns à personagem histórica: João e Joana/ João e Catarina, respectivamente, e as semelhanças físicas e psicológicas (o gosto pelo desconhecido e pela aventura). Soma-se a isso o nome da personagem que teria encontrado Sebastião e que viria a ser o seu pai – João. Mas não só João. João de Castro. Sabe-se que o homem considerado o profeta do sebastianismo no século XVI assim se denominava. João de Castro foi o responsável pela interpretação e apropriação das *Trovas* de Bandarra, assim como, pela sua disseminação no universo português. O pai do sebastianismo na História e o pai de Sebastião na ficção.

Quando fala sobre sua origem, Sebastião realiza sua descrição física, ressaltando as diferenças entre ele e seus prováveis progenitores, notada por muitas pessoas. A descrição realizada pela personagem assemelha-se a de D. Sebastião, “louro, de olhos claros, curto o nariz, redonda a cara, a boca de carnudos lábios, o debaixo decaído como o de Catarina...” (FARIA, 1990, p. 16). Tanto que uma das personagens, Helena, impressiona-se com as semelhanças frente ao retrato de D. Sebastião em comparação com o próprio Sebastião. Não lhe faltava nem um sexto dedo no pé direito.

Todos esses elementos fazem com que a personagem passe a considerar a possibilidade de ser a reencarnação do rei D. Sebastião. As circunstâncias que o aproximando rei e o medo de morrer precocemente sem ter compreendido o sentido de sua vida, contribuem para a necessidade de definição identitária manifestada pela personagem.

Nesse sentido, segue-se a construção da personagem ficcional, com o intuito não de torná-la igual à personagem histórica, mas de construir pontos de ligação entre ambas; como se o Sebastião de *O Conquistador* pudesse vir a ser o D. Sebastião redivivo, como se houvesse uma possibilidade de reencarnação. Como resumo dessa aproximação podemos citar as palavras de Lima (1997):

Com *O Conquistador*, estamos perante um romance de primeira pessoa em que o narrador, Sebastião, num registo algo pícaro, nos conta a história de sua vida, desde o insólito nascimento numa praia, “metido num ovo enorme”, qual Vênus, até o momento da escrita, o dia do seu vigésimo quarto aniversário. Entretanto, as coincidências entre a personagem e o rei D. Sebastião vão muito para além do nome e manifestam-se quer a nível de caracterização da personagem, quer a nível diegético: nascem na mesma data, no dia do santo do mesmo nome, apenas com quatrocentos anos de diferença (20 de janeiro de 1554-1954); os pais adoptivos de um e reais de outro têm os mesmos nomes; os traços físicos são idênticos, inclusivamente nos seis dedos do pé direito; psicologicamente muito os aproximava: a imaginação feroz, a índole introvertida, a atração pelo desconhecido; e, enfim, dados de diversa ordem, mais ou menos subtis provocam a intersecção constante da história com minúscula e da História com maiúscula. (LIMA, 1997, p.261-262)

Portanto, não só as semelhanças físicas aproximavam as personagens, mas também seu caráter. Ambos acreditavam possuir uma tarefa específica. D. Sebastião queria ser o difusor do cristianismo, combater os infiéis e conquistar as terras que estes habitavam. Sebastião queria ser o difusor do amor, conquistar as mulheres e convertê-las à sua religião – o sexo.

Notamos que, através da inserção do mito e da História portuguesa no enredo de *O Conquistador*, o autor não pretende enfatizá-los ou confirmá-los. Como já constatou Maria de Lourdes Netto Simões, ele pretende, sim, desmitificar a figura do rei. Para isso, constrói sua personagem de uma maneira antagônica ao rei desaparecido. Apesar de todas as semelhanças que remetem à reencarnação de D. Sebastião, a personagem apresenta-se como o oposto do salvador, seria um “D. Sebastião às avessas”.

A desmitificação pode ser claramente inferida ao se analisar a postura da personagem em relação à Pátria, assim como o conceito que ela mesma apresenta em relação ao mito. Citamos: “Eu, porém, por natural pacifismo, não estava disposto a matar inocentes, a perder muitos e muitos dias e quem sabe se a vida. A minha missão específica, se a tinha, não se compadecia com guerras sem sentido” (FARIA, 1990, p.111). Sebastião, contra a guerra, foge do exército na idade de se alistar. Sendo que deveria participar na disputa pelas colônias africanas, assume uma posição pacifista, completamente diferente da assumida pelo rei: D. Sebastião entrou para a história e originou um mito ao embarcar com seus homens para defender e cristianizar as colônias portuguesas, mas a personagem que deveria incorporar sua figura e completar sua missão, tendo oportunidade para tal façanha, foge para Paris. Não quer responsabilidades maiores. São palavras suas: “Quando cresci e vi que algo se esperava de mim, preferi, por instinto, fingir que não era nada comigo” (FARIA, 1990, p.16).

É importante também destacar o conceito da personagem em relação ao mito do Sebastianismo: “Por ironia da história, o Rei Virgem, passou a ser alvo dos fascínios femininos e, após a sua morte numa batalha ominosa, muito boa gente caíra num masoquismo coletivo que define bem o fraquinho deste país por tudo o que seja fracasso, amadorismo e misticismo de pacotilha” (FARIA, 1990, p.125).

Essa opinião, emitida pela própria personagem, contribui para o efeito de crítica à crença no mito Sebastianista que se quer representar na obra de Faria. A intenção do autor é, utilizando-se de uma imagem imanente ao sentimento nacional, instigar a reflexão acerca da nação portuguesa, sem as idealizações e esperas por um tempo utópico de glória, que está no passado.

Como se sabe, D. Sebastião assumiu o compromisso de cristianizar o mundo, expulsar os mouros e conquistar assim suas terras. Se sua empresa tivesse sido positiva, Portugal elevaria sua condição de país decadente a de grande império. No entanto, com seu fracasso e com a difusão da crença que preconizava o seu retorno para o cumprimento de tal missão, foram transferidas todas as esperanças para o indivíduo que se revelasse o rei redivivo. Se comprovada a sua predestinação, Sebastião deveria tomar uma posição na sociedade e realizar a missão de D. Sebastião, o que acarretaria a desistência de seu objetivo, a

propagação do amor erótico, e a incorporação e uma ideologia alheia a seus preceitos, como a ideologia da guerra, por exemplo.

Notamos que, durante seu tempo de vida, Sebastião foge às circunstâncias que o aproximam da figura do rei. Entretanto, a chegada da época em que este teria desaparecido traz a ameaça da morte precoce, evento que leva nossa personagem ao isolamento e à exposição de sua biografia.

Todos esses indícios de desmitificação encontram-se na história de *O Conquistador* e dizem respeito às atitudes assumidas pela personagem. Destacamos, além dos argumentos aqui expostos, a categoria estética do grotesco como elemento recorrente na construção do discurso, responsável pelo estranhamento provocado no texto. Dentro dessa perspectiva de negação do mito Sebastianista temos, então, como principal estratégia o discurso paródico assumido pelo narrador e um dos elementos que se sobressai nesse sentido é o estilo grotesco.

O grotesco é uma criação que confunde realidade e imaginação, provocando uma reação de estranhamento ou de antagonismo que, por sua vez, suscita o riso cômico. É uma tendência estética que, pelo ridículo ou pela estranheza, pode realizar críticas disfarçadas que rebaixem qualquer entidade ou comportamento idealizado demais. Na literatura, a categoria do grotesco encontra-se basicamente no conflito entre o mundo real e a excentricidade do mundo imaginário. Segundo Sodré e Paiva (2002), essa categoria é considerada uma arte contrária aos padrões acadêmicos e clássicos que se manifesta com maior fulgor em momentos de crise profunda.

O efeito grotesco pode ser produzido por uma infinidade de composições artísticas. Em *O Conquistador* destacamos os processos que dizem respeito à origem da personagem, ao mundo onírico e à sua sexualidade. No primeiro caso, o grotesco se manifesta basicamente pela utilização do exagero e imagens noturnas na descrição do ambiente que antecedeu o nascimento de Sebastião. No momento em que a criança é encontrada, destacamos o hibridismo homem/animal e a presença de seres teriomórficos, como a serpente. No que diz respeito ao mundo onírico, temos a fusão entre o mundo imaginário e o real, o hibridismo ser humano/animal, a mescla entre o sagrado e o profano, a presença de monstros e referências à questão sexual. Quanto à sexualidade de Sebastião, o efeito de grotesco é produzido primeiramente através da naturalidade com que

o assunto é tratado; ressaltamos também a precocidade sexual da personagem, as referências às partes baixas do corpo com destaque ao tamanho excepcional do membro sexual de Sebastião e a sua singular sexualidade.

Todos esses elementos e a maneira como suas relações são estabelecidas dentro do texto fazem de Sebastião uma figura insólita e especial. A forma como acredita ter nascido, seu comportamento nos envoltórios amorosos, os sonhos, sua ideologia antissocial e patriótica o distanciam da personagem histórica com quem ele é comparado. Mas ao mesmo tempo, apontam uma existência invulgar. Sebastião parece ser alvo de uma predestinação, a personagem que quer fugir desse acaso, acaba, entretanto, sendo vítima do imaginário social que repudia.

Conclusão:

Correspondendo a uma tendência da Literatura Portuguesa do Século XX, os textos de Almeida Faria dialogam com a história nacional. O autor, desde Rumor Branco (1960), realiza alusões a personagens bíblicas e míticas. Em *O Conquistador*, deparamo-nos com o mito do Sebastianismo, explorado de maneira profunda e explícita. A forma como o autor insere o mito no enredo desta obra causa um efeito paradoxal, pois a riqueza e os detalhes da abordagem valorizam esse traço da cultura portuguesa, para, ao mesmo tempo, desconstruí-lo.

Essa desconstrução é percebida por meio da crise de identidade apresentada pela personagem Sebastião, conflito que dá corpo à história de *O Conquistador*. Tal crise é provocada pela inter-relação realizada entre Sebastião e Dom Sebastião, rei do século XVI que incorporou um dos mais importantes mitos da nação portuguesa, originando a crença no Sebastianismo.

Na obra em estudo, a ligação entre essas duas personagens ocorre ao longo de todo o texto, começando pelo nascimento de Sebastião. O misterioso aparecimento dessa personagem assemelha-se aos vaticínios sobre o retorno do rei D. Sebastião, preconizado pelo mito. São pontos de ligação a coincidência da data de nascimento, vinte de janeiro, e as circunstâncias míticas: um ser vindo do mar em uma manhã de nevoeiro.

Em um fluxo contínuo, seguem-se a coincidência dos nomes dos seus progenitores, pais e avós; assim como as semelhanças físicas e psicológicas entre a personagem ficcional e o rei português. Todos esses traços, e outros pontos de ligação

estabelecidos durante a história aproximam as duas figuras, causando em Sebastião, a despeito de sua incredulidade, um forte sentimento de indefinição identitária.

Construir uma personagem que resgate a imagem de D. Sebastião é o procedimento responsável pela inserção do mito sebastianista e da história de Portugal em *O Conquistador*. No entanto, o resgate dessa parte fundamental do sentimento nacional português não prevê a afirmação do mito. O narrador de *O Conquistador*, criando um conflito de expectativas ao descrever sua personagem, constrói um D. Sebastião às avessas. Seu objetivo é a desconstrução do mito com o fim de provocar a reflexão acerca da situação sociopolítica e cultural do país.

A desmitificação ocorre através da história e do discurso. No primeiro momento, ressaltamos a concepção da própria personagem, que não crê na sua predestinação. Mais importante, porém, é a utilização da categoria estética do grotesco. Com o grotesco, pode-se realizar a desconstrução, o rebaixamento, nesse caso, da crença passiva pelo redentor.

A opção pela retomada de um mito de destaque no passado português pode ser explicada pela evolução mesma do mito. Segundo alguns estudiosos, o mito de D. Sebastião sempre aparece em momentos de crise, pois está solidificado no imaginário nacional. Sempre que se está passando por dificuldades, renasce o sentimento de espera pelo messias, que, com seu retorno, resolverá todos os problemas e devolverá a Portugal a antiga supremacia. Com a utilização do grotesco, o narrador de *O Conquistador* põe abaixo essa concepção. A história se passa em uma época de forte crise nacional. Tem como pano de fundo o final da ditadura, a Revolução dos Cravos e o período pós-revolucionário, que duramente se mostrou sem efeitos positivos imediatos. Ou seja, a crise continua, a despeito da esperança coletiva.

Desmistificar essa esperança é o que predomina na desconstrução do mito. O rei redivivo às avessas faz com que o povo reflita acerca da sua situação atual de acordo com as experiências do passado: o longínquo e o recente. Conclui-se, portanto, que *O Conquistador* traz uma mensagem de mudança, mostra a necessidade de uma reação ativa frente à adversidade. A experiência de Sebastião requer como fechamento um “querer mudar por si mesmo”, em vez do sentimento de espera por redenção inerente à nacionalidade portuguesa.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

AZEVEDO, João Lúcio de. *A Evolução do Sebastianismo* (1918). 3 ed. Lisboa: Presença, 1984.

FARIA, Almeida. *O Conquistador*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HERMANN, Jaqueline. *No Reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (Séculos XV e XVII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIMA, Isabel Pires de. *O Regresso de D. Sebastião*. Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas. v. 14. Porto, (p.251-264). 1997.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *As Razões do Imaginário: Comunicar em Tempo de Revolução 1960-1990: A Ficção de Almeida Faria*. Salvador: Editora da UFSC, 1998.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *Caminhos da Ficção*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *O Império do Grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.